

MAQUIAVEL, Nicolau
O Príncipe

São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2010.

Elisabete Martiniano Paiva*

Nicolau Maquiavel foi um importante historiador da época do Renascimento. Maquiavel nasceu na cidade italiana de Florença em 3 de maio de 1469, e morreu na mesma cidade em 1527. Maquiavel, desde muito pequeno, se interessou pelos estudos e aos sete anos já aprendia Latim, depois ábaco e língua Grega Antiga. Ingressou na vida pública aos 29 anos, se tornando secretário da segunda Chancelaria da República de Florença. Foi afastado da vida pública com a restauração da família Médici no poder, passando a se dedicar à produção de obras de análise política e social. Em 1505 escreve sua obra mais importante, *O Príncipe*, que foi publicado em 1513, aconselhando os governantes sobre como governar e manter o poder absoluto, mesmo que eles tivessem que fazer inimigos e usarem forças militares. Nessa obra ele tenta resgatar o sentimento cívico do povo italiano. Maquiavel escreveu outras obras como: *A arte da guerra*, *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, entre outras.

O príncipe, em princípio, foi escrito em forma de carta, direcionada a Giuliano de Médici, que faleceu antes que Maquiavel a terminasse. Maquiavel viveu em uma época em que a Itália estava dividida em pequenos principados, enquanto países como a França e Inglaterra eram unificados. A Itália nesse momento estava militarmente e politicamente fraca.

Nos primeiros capítulos do livro, o autor trata das diferenciações entre os Estados, descreve as formas de governo que são principados ou repúblicas, e como os Príncipes e essas Repúblicas têm que se adaptar às conjunturas históricas. Maquiavel aconselha esses governantes a contar com a virtude e com a fortuna, para que o principado se mantenha. Ele explica que os principados podem ser hereditários ou novos. Os hereditários são quando seu sangue senhorial é nobre já há longo tempo, e os novos - alguns realmente são novos e outros, agregados ao Estado hereditário. Ele aborda como os principados devem ser mantidos e governados. Segundo ele,

* Graduanda do curso de História da Universidade Federal Fluminense.

manter um Estado hereditário é mais fácil do que manter um Estado novo, pois o povo já está acostumado com a cultura daquele príncipe, pois um príncipe que não insulta seus súditos é amado e bem visto por todos, assim como um príncipe natural tem poucos motivos para ofender seus súditos. Demonstra que é nos principados novos, também chamados de mistos onde estão as dificuldades. Mostra que esse Estado não é totalmente novo, pois ele é um membro anexado do Estado hereditário. As pessoas em busca de melhorias, em busca de mudanças tendem a mudar de governantes, mas para Maquiavel isso é um engano.

Quando o Estado conquistado e anexado a um Estado antigo é da mesma província e do mesmo Estado, é bem mais fácil mantê-lo dominado, principalmente se ele não estiver acostumado a viver em liberdade. Para estar seguro de sua dominação é necessário exterminar toda sua linhagem. E quem conquista e quiser mantê-lo deve tomar as seguintes posições: fazer com que a antiga linhagem seja extinta e não alterar nem suas leis e nem seus impostos. Dentro de um curto prazo o principado conquistado passa a constituir em um mesmo corpo com o principado antigo. Quando se conquistam territórios com línguas, costumes e leis diferentes ocorrem muitos problemas e para conseguir manter a dominação é necessária muita sorte e habilidade. Segundo Maquiavel, os príncipes devem aliar-se aos mais fracos e tentar enfraquecer os mais fortes para evitar perigos próximos.

Para Maquiavel, a guerra só pode ser adiada, mas não evitada. Ele critica a atitude do Rei Luis ao invadir uma colônia italiana. Além de invadir a colônia, ele conquistou dois terços da Itália toda, mas cometeu erros de estratégia política, deu força ao clero, e dividiu o reino com o rei da Espanha. Eis cinco erros cometidos por ele: eliminou os menos fortes, aumentou na Itália o prestígio de um poderoso, colocou um estrangeiro poderoso no poder, não habitou a colônia tomada e não instalou colônias. Ele declara que os Estados tomados já estavam acostumados a viver com suas leis e em liberdade. Existem três formas de conservá-los: o primeiro arruiná-los, o segundo habitá-los pessoalmente, e o terceiro, deixá-los viver com suas leis, arrecadar tributos e criar no seu interior um governo de poucos para que se tornem amigos. Para se preservar uma cidade que se acostumou a viver livre só é possível por intermédio dos seus cidadãos. Ele cita como exemplo os romanos e os espartanos.

Ao se conquistar uma cidade, a única maneira segura de mantê-la conquistada é destruindo-a, porque uma cidade acostumada a viver livre se não for destruída, vai destruir, pois

em nome do ideal de liberdade, essas cidades sempre conseguiram apoio para rebeliões. Assim fez Pisa depois de cem anos submetida pelos Florentinos.

Mas quando as cidades ou províncias estão acostumadas a viver sob um principado, elas jamais saberão o que é viver em liberdade, já se acostumaram a viver obedecendo, elas são mais fáceis de ser conquistadas pelos príncipes, pois são menos ágeis em questão de rebelião.

Em contrapartida, nas Repúblicas há mais vingança, mais ódio, por isso é preciso destruí-las imediatamente, não pode deixar vir sobre elas a lembrança da liberdade. Maquiavel mostra que os homens devem ir pelo caminho percorrido pelos grandes homens, e imitar os que foram excelentes, mesmo não conseguindo trilhar fielmente esse caminho alheio e nem alcançar a virtude de quem se imita. Pelo menos, vai conseguir tirar alguma vantagem, ter algum proveito.

No principado completamente novo, onde há um novo príncipe, a virtude é muito importante para se manter o principado. Para se tornar príncipe é necessário se ter virtude ou sorte, aquele que menos se apoiou na sorte, e teve do seu lado a virtude, obteve mais poder. Ele cita homens que, segundo ele, venceram por sua virtude, como Moisés, Ciro, Rômulo, Teseu. Para Maquiavel esses homens não tiveram sorte, eles tiraram proveito da ocasião, e sem a virtude que eles possuíam tudo seria em vão. Maquiavel fala que também é necessário fazer uso da força física.

Maquiavel cita como exemplo, o príncipe de Siracusa que para manter o principado abandonou as velhas amizades, as antigas milícias e conquistou tudo de novo, o que lhe deu muito trabalho, mas no futuro o ajudou a manter o principado. Maquiavel mostra que aqueles que de privados se tornam príncipes só por causa da riqueza, que chegam ao poder com exércitos e forças alheias, com muita dificuldade se manterão no poder. Os príncipes, que não são homens de virtude e que tenham vivido sempre em ambiente privado, não sabem comandar, porque não possuem forças amigas e fiéis. Na falta da fortuna, o príncipe deve usar sua virtude, para lhe conservar aquilo que a fortuna lhe concedeu.

Já foram citados anteriormente dois modos de como se tornar príncipe, por fortuna e por virtude. Maquiavel cita o caso de Francisco Sforza e César Borgia. Francisco com a virtude que possuía, de privado tornou-se duque de Milão, e tudo que conquistou com seu esforço, conseguiu manter com pouco trabalho. César Borgia adquiriu o Estado com a fortuna do pai, e juntamente com a fortuna, o perdeu. Ele não agiu como homem prudente e virtuoso, e não soube aproveitar a fortuna e as armas que o dinheiro do pai o proporcionou para lançar raízes naquele

Estado. Conseguir chegar ao Império por meio da fortuna, sem nenhuma virtude, é chegar despreparado. César Bórgia era muito habilidoso, mas quando morre o seu pai, ele perde os aliados, pois não teve a virtude, habilidade política para manter essas alianças. Quando a fortuna o abandona, ele não tem a virtude de se manter no poder.

Maquiavel define mais duas formas de como se tornar príncipe, por meio criminoso ou perverso, ou quando um cidadão privado torna-se príncipe de sua pátria pelo favor de seus concidadãos. Descreve o que se pode chamar de principado civil, e que para se tornar um, não é preciso fortuna e nem de virtude e sim de uma astúcia afortunada. Para se ascender nesse principado, é necessário contar com o favor do povo ou com o dos grandes. Os poderosos desejam governar e oprimir os povos, mas ser mandado e ser oprimido pelos poderosos não é desejo dos povos. O principado é constituído ou pelo povo ou pelos grandes, quem tiver a oportunidade. O povo vendo que não pode resistir aos poderosos, nomeia um príncipe entre os grandes para protegê-los com sua autoridade.

Quem chega ao principado com ajuda dos grandes tem mais dificuldade de se manter no poder do que os que chegam por meio do povo. São pouquíssimos os que não estão dispostos a obedecer àquele que chega ao principado pelo povo, ao seu redor. Não é possível satisfazer os grandes, mas os povos são mais honestos. Enquanto os poderosos querem oprimir o povo, este só almeja não ser oprimido. O pior que um príncipe pode esperar de um povo é ser abandonado por ele, mas dos poderosos ele pode esperar ser abandonado e ou que ele se volte contra ele. Alguém que se torne príncipe com ajuda do povo, deve simplesmente mantê-lo amigo, pois o único interesse do povo é não ser oprimido. Mas quem se tornar príncipe pelos grandes, deve conquistar o povo, o que é tarefa fácil quando se assume a sua segurança. Maquiavel esclarece que é muito importante o príncipe ter o povo ao seu lado, ter o povo como amigo, pois em momentos de crise não terá dificuldades.

O livro nos faz entender o que são as tropas auxiliares, afirmando que são tropas de outras cidades chamadas pelos poderosos para ajudar no combate. Essas tropas são boas somente para si próprias, causam somente danos para quem as chama com a ajuda dessas tropas a ruína é certa. Um principado para estar seguro deve possuir armas próprias, se não possuir, não há virtude que o proteja. Forças próprias são aquelas constituídas por súditos, cidadãos, ou de suas criaturas, o restante são mercenárias ou auxiliares.

Maquiavel mostra que praticamente tudo que acontece com os homens é baseado na sorte, mas que, metade disso, podemos controlar. O príncipe que se baseia somente na sorte, quando essa sorte sofre variações, arruína-se. Segundo ele, os homens apresentam formas diversas de tentar alcançar seus objetivos. Maquiavel aconselha ser impetuoso e cauteloso com a sorte, pois deve-se estar preparado para quando a sorte variar, agir no tempo certo, e esse tempo vai dizer como cada príncipe deve agir.

No último capítulo do livro, Maquiavel escreve que para se conhecer a virtude de um espírito italiano seria necessário que a Itália se reduzisse ao ponto que se encontrava naquele momento, mais escravizada que a nação dos Hebreus, mais oprimida do que a Pérsia, mais desunida do que Atenas, sem chefe, sem ordem, batida, espoliada, invadida e tivesse suportado ruína de toda sorte. Ele mostra que a Itália clama para que Deus lhe envie alguém que a livre de tanta crueldade, que o povo tem valor, que falta valor aos governantes italianos. Sugere que até o momento não surgiu homem pela virtude ou pela fortuna para governar a Itália. Os Italianos são superiores em várias coisas, como por exemplo, na força, mas por causa da fraqueza dos governantes, possuem exército frágil. Antes de qualquer outra coisa, deve prover-se de forças próprias, pois não se pode conseguir forças mais seguras e fiéis, nem melhores soldados. Deve preparar o exército para poder, com a virtude Itálica, defender-se dos estrangeiros.

Maquiavel mostra que seria até bom para a Itália perder tudo para renascer com novas reformas políticas, um novo príncipe. Nesse último capítulo aparece o anseio de Maquiavel pela libertação da Itália. Vemos o desejo que ele tem de ver Lorenzo de Médici governá-la. Para ele, os governantes devem contar com a fortuna e com a virtude para que esse principado se mantenha, fortuna que é comparada com uma deusa, e essa deusa tem que ser controlada, domada, manipulada, atraída. Para a fortuna não abandoná-lo é preciso mantê-la do seu lado, seduzindo como se faz com uma mulher.

A virtude é uma questão de conhecimento, de uma formação mais centrada do príncipe, formação mais geral desse governante. Ele aprende com o tempo, com a experiência. O príncipe tem que ter uma formação humanística, mesmo se não apresentar todo esse saber, pelo menos deve aparentar que o possui; os súditos devem acreditar que ele tem a fortuna e a virtude ao seu lado.